"+ ENTREGAS", O NOVO MODELO OPERACIONAL DO IFOOD: O ESPAÇO DO CIDADÃO EM TEMPOS DE PRECARIZAÇÃO COMO REGRA E DESPROTEÇÃO JURÍDICA

Raul Bethiol Mansano de Mello
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-4160-5382
Endereço eletrônico: raulmansanodm@gmail.com

Maria Soledade Soares Cruzes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2850-2905
Endereço eletrônico: maria.soledade@uesb.edu.br,

Lavínia Thereza Neves Silva Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9673-1726
Endereço eletrônico: advlavinialima@gmail.com

Palavras-chave: trabalho plataformizado; precarização; controle algorítmico; espaço do cidadão; capitalismo de plataforma.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as transformações no mundo do trabalho foram profundamente marcadas pela ascensão do capitalismo de plataforma. Impulsionada por crises econômicas e sanitárias, especialmente a pandemia de COVID-19, a expansão das empresas de tecnologia que intermediam serviços consolidou a "uberização", uma nova morfologia do capital que, sob a racionalidade neoliberal, substitui garantias trabalhistas pela promessa do "empreendedorismo de si". Nesse modelo, o trabalhador é convertido em gestor da própria sobrevivência, assumindo os riscos da atividade econômica enquanto as corporações concentram controle e lucros.

No Brasil, o setor de entregas por aplicativos tornou-se um dos principais laboratórios dessa dinâmica de desregulamentação, tendo o iFood como um de seus maiores expoentes.

Recentemente, as estratégias de controle algorítmico dessas empresas tornaram-se mais sofisticadas. A introdução de novas modalidades operacionais, apresentadas como formas de garantir maior estabilidade e ganhos fixos, é divulgada como uma evolução do modelo de parceria. Contudo, na prática, essas mudanças frequentemente ampliam a opacidade nos recebíveis e o engessamento da jornada dos entregadores, o que aprofunda a precarização do trabalho. Diante desse contexto, emerge um questionamento central: de que maneira as recentes inovações gerenciais do trabalho plataformizado, a exemplo do programa "+Entregas", impactam a rotina de precarização de entregadores(as), e como esses sujeitos se mobilizam coletivamente para resistir à exploração laboral imposta via algoritmo?

Para responder a essa problemática, analisa-se o conflito entre a exploração algorítmica da modalidade “+Entregas” e a resistência territorial dos entregadores, a partir das manifestações e paralisações realizadas em pontos estratégicos do Rio de Janeiro e região metropolitana no início de 2026. O referencial teórico articula, de forma interdisciplinar, autores que discutem a ideologia neoliberal, a precarização como regra, a economia das “plataformas austeras” e as múltiplas territorialidades como espaços de disputa social. A relevância da pesquisa consiste em revelar as contradições desse modelo, evidenciando que o meio técnico-científico-informacional pode operar tanto como mecanismo de subordinação quanto como instrumento para a organização de classe.

METODOLOGIA

Enfrentando a problemática proposta, o estudo adota abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, orientada pelo método dedutivo. A metodologia é reforçada pela aplicação do estudo de caso (Yin, 2004), com foco na implementação do programa “+Entregas” e nos protestos ocorridos no Rio de Janeiro no início de 2026, a partir da análise de comunicados institucionais do iFood, cobertura jornalística e literatura especializada. O referencial teórico articula autores da Sociologia, do Direito e da Geografia para compreender as bases neoliberais, os efeitos jurídicos e as dinâmicas territoriais do trabalho mediado por plataformas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão da atual dinâmica do trabalho plataformizado exige a análise de suas causas estruturais. A expansão das plataformas digitais no Brasil consolidou-se em meio a crises econômicas e sanitárias (COVID-19), contexto em que o capital aprofundou o fenômeno da uberização ou plataformização. O modelo de negócio do iFood espelha a lógica das "plataformas austeras", conceituadas por Srnicek (2018), cujo cerne é a redução de ativos fixos e custos trabalhistas por meio da transferência de riscos ao trabalhador, enquanto a plataforma se apresenta apenas como intermediária entre demanda e trabalho. Esse fenômeno é legitimado pela racionalidade neoliberal que, conforme Dardot e Laval (2016), difunde a ideologia do empreendedorismo de si mesmo, convertendo trabalhadores precarizados em autogestores de sua própria exploração.

É nesse cenário que a precarização se institui como regra (Druck; Basualdo, 2022), ao fragmentar trabalhadores e naturalizar a supressão de garantias. Esse processo integra a reestruturação produtiva analisada por Antunes (2018), responsável pela constituição de uma nova morfologia do trabalho, marcada pela expansão de formas flexíveis, instáveis e desprotegidas de labor. A uberização radicaliza essa lógica ao transferir riscos ao trabalhador e submetê-lo à gestão algorítmica, combinando ausência do empregador real e controle tecnológico. Tal dinâmica expressa a “globalização perversa” de Santos (2000), em que o meio técnico-científico-informacional, em vez de emancipar, intensifica a instrumentalização do trabalho em favor do capital financeiro.

O presente estudo de caso da modalidade operacional “+Entregas” ilustra essa racionalidade. O iFood apresentou esse sistema como uma alternativa opcional capaz de garantir previsibilidade de ganhos e rotina aos trabalhadores. Contudo, a relação estabelecida intensifica a precarização do labor diário. Relatos indicam que o “+Entregas” exige agendamento de turnos, restringe o entregador a áreas delimitadas e reduz a sua mobilidade urbana, enquanto as taxas chegam a apenas R$ 3,30 reais por corrida, segundo projeção do Movimento dos Trabalhadores sem Direitos (Correio do Povo, 2025).

A narrativa institucional do iFood apresenta este sistema como forma de garantir “estabilidade e previsibilidade”, por meio de subpraças nas quais o entregador indica a sua disponibilidade (iFood, 2026). Contudo, a plataforma não informa de maneira transparente os

critérios de cálculo dos recebíveis, limitando-se a afirmar que resultam da soma entre valores fixos por disponibilidade e por entrega (iFood, 2026). Essa opacidade materializa a assimetria comunicacional descrita por Rebechi e Baptistella (2022), na qual a empresa concentra as informações que definem o processo de trabalho e os ganhos, submetendo o trabalhador a um controle algorítmico unilateral. Diante da precarização como regra e da impossibilidade de diálogo em um ambiente de comunicação assimétrica, a organização dos trabalhadores transpõe-se para as ruas.

A resistência, materializada nas manifestações ocorridas em pontos estratégicos do Rio de Janeiro e região metropolitana, no início de 2026 (Brasil de Fato, 2026), remete ao conceito de Espaço do Cidadão, de Santos (1987). O autor demonstra que a cidade constitui o centro das contradições sociais e o espaço em que os excluídos podem desenvolver seu discurso emancipador. Nos breques, os trabalhadores exigem, além do fim do "+Entregas", o aumento da taxa mínima de recebíveis para R$ 10 reais, valor essencial para cobrir custos de combustível e manutenção diante do aumento dos lucros da plataforma (Brasil de Fato, 2026).

A ocupação de múltiplas territorialidades possibilita estratégias coletivas inviáveis no ambiente virtual, como o diálogo com lojistas da Cinelândia (RJ), que apoiaram o movimento suspendendo vendas pelo aplicativo durante os protestos (Brasil de Fato, 2026). Ao interromper fluxos logísticos e resistir às investidas da empresa, a categoria passa a subverter a invisibilidade imposta pelo algoritmo. A materialidade das ruas torna-se, assim, instrumento de enfrentamento à racionalidade neoliberal, reafirmando a organização dos trabalhadores como principal via para tensionar as engrenagens da globalização perversa.

CONCLUSÕES

A análise desenvolvida evidencia que as inovações do capitalismo de plataforma instauram a precarização como regra sob a égide da racionalidade neoliberal. O estudo de caso do programa “+Entregas” revela como a uberização representa uma nova forma de exploração, cuidadosamente desenhada para blindar as corporações e afastar os entregadores do acesso aos direitos trabalhistas.

Contudo, frente a um controle digital que isola o indivíduo, a resposta da categoria materializa-se na ocupação do território urbano. O movimento dos entregadores mobilizados resgata o espaço do cidadão, demonstrando que a luta nas ruas permanece como o principal

mecanismo para romper o isolamento imposto pela globalização perversa, desvelar as fraturas do discurso do empreendedorismo e exigir dignidade frente aos novos arranjos do capital.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL DE FATO. **Trabalhadores de aplicativo protestam no RJ contra nova modalidade do iFood que paga R$ 3 por entrega.** Rio de Janeiro, 30 abr. 2026. Disponível em:https://www.brasildefato.com.br/2026/04/30/entregadores-de-aplicativos-protestam-no-rj-contra-nova-modalidade-do-ifood-que-paga-r-3-por-entrega/. Acesso em: 13 jul. 2026.

CORREIO DO POVO. **Entregadores protestam contra modalidade nova de trabalho do iFood.** Porto Alegre, 28 nov. 2025. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/entregadores-protestam-contra-modalidade-nova-de-trabalho-do-ifood-1.1671364. Acesso em: 13. jul. 2026.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRUCK, G.; BASUALDO, V. Terceirização e suas conexões com os processos de reforma trabalhista e a uberização: quatro teses a partir da análise das relações de trabalho na Argentina e Brasil. In: BIAVASCHI, M. B.; DROPPA, A. (Orgs.). **Terceirização e as reformas trabalhistas na América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. p. 13-32.

IFOOD. **iFood Entregador:** como funciona o +Entregas. Institucional iFood, 24 fev. 2026. Disponível em:https://institucional.ifood.com.br/entregadores/mais-entregas-entregador-ifood. Acesso em: 13 jul. 2026.

REBECHI, C. N.; BAPTISTELLA, C. V. O trabalho é mediado por plataformas digitais e assimetrias nas relações de comunicação. **Revista Katálysis,** Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-92, jan./abr. 2022.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização.** Do Pensamento Único à Consciência Universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SRNICEK, N. **Capitalismo de plataformas.** Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** São Paulo: Bookman, 2004.